

CRISTOVÃO GIL SUBSTITUTO DE SUAREZ EM COIMBRA

Na biografia de Francisco Suárez, são conhecidas as tentativas que fez para se ver desligado da cadeira de Prima da Universidade de Coimbra —para a qual o nomeara Filipe II (de Portugal) em 1597— a fim de se poder consagrar mais inteiramente à composição e edição das obras que tinha em mente. (Cf. p. e. R. de Scorraille, *François Suarez*, 2º vol., Paris 1913, l. IV, c. 1, n. 16).

A questão arrastou-se por alguns anos, devido às resistências da Universidade, por um lado, e ao delicado problema da sucessão, por outro, que a Companhia de Jesus —por essa altura empenhada em cheio na controvérsia *De Auxiliis*— desejava fosse assumida por pessoa não adversa à doutrina dos jesuítas.

Finalmente, em 1604, Filipe II deferiu favoravelmente (ou quase) as pretensões do Doutor Exímio: durante os três anos que ainda continuaria proprietário da cátedra, receberia como substituto o P. Cristóvão Gil, jesuíta português, o qual lhe sucederia na cadeira se, entretanto, se tivesse já jubilado o então lente de Véspera, frei Egídio da Apresentação OESA; caso contrário, tomaria Gil a propriedade de Véspera.

Nessa ocasião, encontrava-se Cristóvão Gil em Roma, aonde o chamou o Geral em 1599, para desempenhar o importante e delicado cargo de Censor dos livros da Ordem, juntamente com outros três colegas. Entre estes contaram-se, durante a sua estadia em Roma, Gregório de Valência, António Maria Menu, Jorge Baderno, Juan de Salas, Juan Azor, etc. (Cf. vols. 652, 653, 654, 656-A e 664 do *Fondo Gesuitico* do *Archivum Generale Societatis Jesu*). Para o substituir no cargo de censor viria de Portugal Nicolau Godinho, seu antigo colega em Évora e que viria a leccionar a cadeira de Prima do Colégio Romano.

Gil deixou Roma em fins de abril de 1604, quase ao mesmo tempo que Suárez —alcançada finalmente a licença para ir defender em Roma a sua doutrina acerca da absolvição por escrito— se punha a caminho da Cidade Eterna.

Acompanhou-o na viagem o P. Paulo de Carvalho, a quem voltaremos a referir-nos mais adiante.

Poucos anos durou a substituição de Suárez por C. Gil.

No ano lectivo 1604/1605, por dificuldades levantadas pela Universidade à sua nomeação por provisão régia —e não seguindo os trâmites estatutários—, quem assumiu a substituição de Prima foi frei Egídio, leccionando Gil em Véspera. Superada essa dificuldade, passou Gil a substituir Suárez durante as ausências deste, mas apenas até ao ano

lectivo 1606/1607: no começo do seguinte, a doença que o afectava havia alguns anos fez rápidos progressos, vindo ele a falecer em Coimbra a 7.1.1608, com 53 anos.

Tendo deixado fama de grande teólogo —além da de virtuoso religioso, patenteada na presença do seu nome em numerosas publicações hagiológicas—, que J. M. Scheeben apreciava, indicando-o numerosas vezes na *Dogmatik* como dos melhores autores para os assuntos relativos à natureza da teologia e do qual P. Bernard, no *D. T. C.* VI, 1348 diz que «a laissé un important ouvrage sur l'essence et l'unité de Dieu, très répandu dans les écoles au début du XVII siècle», Cristóvão Gil foi pouco estudado até hoje.

Nesta breve comunicação, depois de uma rápida apresentação deste teólogo (I), propomo-nos indicar alguns dados mais relacionados com Suárez (II).

I

Filho de Silvestre Gil e Lianor Ortiz, nasceu C. Gil em Bragança, provavelmente em novembro de 1554. Aos 15 anos —frequentava então a primeira classe de Gramática do Colégio dos Jesuítas de Bragança— cedeu para ser admitido na Companhia de Jesus e foi começar o Noviciado em Coimbra. Nesta cidade fez toda a sua formação jesuítica: Humanidades, Filosofia, estágio de docência (de seis anos) em que ensinou humanidades na Terceira e em Coimbra, Teologia e Terceira Provação. Foi aluno, em Filosofia, do célebre «conimbricense» Manuel de Góis e em Escritura de Brás Viegas. Ensinou Filosofia em Coimbra (1588-1591) e Teologia aí (1592-1595) e na Universidade de Évora (1595-1599), onde se doutorou a 14.7.1595.

É considerado por muitos um dos maiores teólogos portugueses. Foi o primeiro autor —com antecipação de algumas décadas— a abandonar de maneira decidida e coerente o «comentário», para elaborar um *opus theologicum* completo, as *Commentationes Theologicae*. Deixada incompleta pela morte prematura, esta obra, composta depois de escassos dez anos de docência teológica, e já em plena doença, revela um pensador profundo e invulgar conhecedor das doutrinas teológicas —é impressionante o número de autores que cita, com indicação da obra e lugar e apreciando criticamente a doutrina aí exposta, podendo concluir-se que na maior parte dos casos se tratará de conhecimento directo —e viria certamente a ocupar lugar de relevo na produção teológica da Segunda Escolástica.

O tratado proemial —*De Sacra Doctrina*— que abrange cerca de metade do 1º volume das *Commentationes*, único a ser editado (Lição 1610, Colónia 1610, 1619 e 1641), constitui a *mais completa exposição de toda a Escolástica* acerca da natureza da Teologia. (Cf. *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura Verbo*, artigo 'Gil, Costóvão', de minha autoria, com bibliografia) ¹.

1 Para mais ampla informação, cf. R. Cabral, *A Natureza da Teologia segundo Cristóvão Gil*, Excerpta ex dissertatione ad Lauream in Facultate Theologica Pontificiae Universitatis Gregorianae (Bracarum 1969).

Por vontade dos Superiores portugueses, teria sido Gil que, durante a estadia em Roma, deveria ter ocupado o lugar que veio a ser dado a Gregório de Valência nas reuniões em que se debateu a questão *De Auxiliis* (cf. carta de 1.4.1604, no Fundo Geral da Biblioteca Nacional de Lisboa 174, ff. 167v-168; carta do Provincial João Correira, ao Geral, de 8.11.1602, em ARSI, Lus. 74, 19 e ainda Lus. 106, 276).

II

1. Suárez escolhe Gil.

Embora falte prova documental expressamente comprovativa, numerosos dados nos levam a pensar, com Scorraille e muitos outros autores, que a escolha de Gil para seu substituto e eventual sucessor na Cadeira de Prima de Coimbra partiu do próprio Francisco Suárez.

A. R. Vasconcellos, em *Francisco Suárez* (Coimbra 1897), sem indicar fontes, afirma-o expressamente: «...pediu (Suárez) a el-rei que nomeasse o referido doutor para o substituir na regência da sua cadeira» (p. xlvij). Repetindo noutro lugar a mesma afirmação, acrescenta que Suárez «bem o conhecia desde que em Évora fizera o seu acto magno para doutoramento» (p. 1c), referindo-se a um saboroso episódio que a seguir referiremos.

A própria carta régia de 23.2.1604, que atendia ao pedido de Suárez, parece deixar supor que o nome de Gil fora já sugerido anteriormente (na carta do Reitor Furtado de Mendonça, de 6.7.1603).

Para Scorraille não há dúvidas: «...car c'était lui (Suárez) évidemment qui avait proposé ce suppléant au choix de Philippe III» (o. c., II, 48-49); cf. Francisco Rodrigues, *Historia da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, II-II, 189-190.

2. O encontro de Évora (1597).

Por circunstâncias conhecidas da biografia de Suárez, decidiram os Superiores religiosos conferir-lhe o doutoramento pela Universidade de Évora, para pôr termo a certas críticas que em Coimbra se faziam. Sem sujeitar o já então famoso teólogo às ordinárias provas de doutoramento, foi ele chamado a participar, como padrinho —que devia ajudar e orientar o doutorando face às arguições dos doutores— no doutoramento do P. Gonçalo Luís, no dia 4 de Junho.

Quando Cristóvão Gil arguiu, fê-lo de tal modo que Suárez imediatamente reconheceu estar perante um teólogo de têmpera —diz o analista que ele deixou de passar as contas do rosário, como costumava fazer, para poder seguir com toda a atenção os raciocínios do arguente!—, tendo dito mais tarde: «Que necessidade havia de trazer de Castela um professor para a cátedra de Coimbra, tendo semelhante teólogo em Portugal?». (Cf. Scorraille, o. c., II, 18-21; A. Franco, *Synopsis annalium Societatis Iesu in Lusitania ab anno 1540 ad annum 1725*, Augusta Vinelicorum 1728, 166; etc.).

3. *Gil censor de Suárez.*

Dum modo geral, as censuras ou pareceres do grupo de quatro censores gerais da Companhia eram dados de modo colectivo. Só raras vezes, nomeadamente quando algum não concordava com o parecer dos colegas em matéria que reputava importante, dava um parecer individual, motivado.

Durante a sua estadia em Roma, C. Gil examinou e deu parecer colectivo sobre diversas obras de Suárez: *De indulgentiis*, *De censuris*, *De excommunicatione*, *suspensione*, *interdicto*, *De legibus*.

Dos cinco pareceres individuais que dele pude encontrar, dois são sobre textos de Suárez: o *De interdicto* (ARSI, F. Ges. 652, 198; parecer de 3.9.1601) e o *De irregularitate* (*Ib.*, 206; de 16.3.1602). Em ambos se patenteia o cuidado minucioso com que o censor levava a cabo a sua tarefa. Do primeiro —único de que ao redigir esta comunicação tenho presente a fotocópia— ressalta a preocupação com a fundamentação «ex auctoritate», que lhe parece faltar em Suárez no ponto a que se refere (Disp. 3, sect. 1ª, § «rursus vero») — julga que a opinião é «nova, não invocando em seu favor nenhum autor», além duma glosa, que no juízo de Gil não confirma a posição suareziana—; e é ainda de salientar a sua preocupação com estar atento à experiência: tenha-se em conta o que é comumente praticado ou consultem-se alguns curiais «quibus haec notiores sunt».

4. *Contactos pessoais.*

Para além do acima referido e rápido —embora importante— encontro de Suárez com Gil em Évora, em 1597, não puderam ser muito prolongados os encontros entre ambos, enquanto residiram em Coimbra: Suárez ausentou-se muitas vezes e demoradamente (em Roma, primeiro, e depois em Lisboa) e Gil poucos anos viveu ainda.

Uma ideia do que poderia ter sido a troca de opiniões entre ambos e as respectivas tendências doutrinárias, pode-nos fornecer um episódio ocorrido durante a Congregação Provincial de 1607 (Abril-Maio) em Lisboa, na qual ambos tomaram parte, C. Gil fazendo também de secretário. Debateu-se muito o assunto da correcção fraterna. Suárez, que inicialmente defendia uma opinião oposta à de Gil, ter-se-ia deixado convencer pela argumentação deste, aderindo à sua maneira de ver o assunto —tal é pelo menos a versão de Gil, em duas cartas, de 20.5. e 5.8.1607 (ARSI, *Lus.* 74, 88-89 e 96; cf. Rodrigues, o. c., II-II, 193).

5. *O caso do P. Paulo de Carvalho.*

A terminar esta breve resenha, um episódio que, de certo modo, lança luz sobre Suárez e sobretudo sobre o seu substituto Cristóvão Gil.

Quando este veio de Roma, em 1604, acompanhou-o o P. Paulo de Carvalho, bom teólogo, que poucos anos antes terminara a sua formação no Colégio Romano, onde tivera como mestres Gregório de Valência, Pedro Arrubal e Múcio Viteleschi (em teologia dogmática) e Bernardino

Medici e João B. Veltrini (em Escritura). (Cf. ARSI, *Rom.* 53-II, 34v; 54-I, 31).

Veio para ajudar C. Gil na composição das suas obras e preparação dos seus cursos. Foi precioso colaborador e tornou-se-lhe muito afeiçoado. Mais tarde, a carta que escreveu ao Provincial após o falecimento de Gil, tornou-se a principal fonte biográfica do mesmo. A. Franco diz até que ele «escreveu uma vida do P. C. Gil» (*Évora Ilustrada, extraída da obra do mesmo nome do P. M. Fialho*, ed. de A. de Gusmão, Évora 1945, 275) mas, se a chegou a escrever, nenhum rasto dela se conserva — o que me leva a crer que se trata da carta em questão, datada de Coimbra de 18.1.1608 e que se encontra no Fundo Geral da B.N. Lisboa, 4288, pp. 230-243.

Paulo de Carvalho era um teólogo de espírito aberto e criador. Fialho, na *Évora Ilustrada* (ms. CXXX da Biblioteca P. de Évora) 3º vol., f. 514v, diz dele: «seguia mais as razões que as autoridades e dizia que os Doutores tinham mais obrigação nisso que os outros homens».

Tentou —com êxito bastante relativo, aliás, como ele próprio refere, na aludida carta— levar Gil a uma maior liberdade e independência, especialmente no que respeitava à fidelidade a S. Tomás: «Aconteceu-me por vezes procurar de o desviar de S. Tomás e S. Agostinho em matérias que o pudera fazer sem nota alguma, mostrando-lhe para isso razões. Ele contudo cerrava-se à banda dizendo que não havia de deixar de seguir aqueles Santos e que, se não pudesse satisfazer às razões em contrário, contentar-se-ia em responder o melhor que soubesse» (B.N. Lisboa, FG 4288, f. 236).

Anos mais tarde —entre 1615 e 1618, mais próximo desta última data— já professor de Prima na Universidade de Évora, Paulo de Carvalho terá dificuldades por causa da «novidade» das suas opiniões, especialmente em determinada matéria, que M. Fialho (narrador do sucedido) não conseguiu averiguar qual fosse e que veio a originar o episódio com que terminamos a presente comunicação.

Perante a originalidade doutrinal do professor de Prima, os Superiores consultaram Suárez. A resposta deste é particularmente significativa, sob muitos aspectos que não cabe aqui desenvolver:

Depois de dizer que «não só muito se podiam defender as proposições, mas que se não podiam impugnar (...), apesar de terem contra si aos mais autores», continua: «mas, por amor deles e muito mais porque a Companhia defende que se não proponham opiniões que pareçam novas, ainda que bem defensáveis e talvez mais que as opostas; ele, ainda que melhor defenderia as proposições impugnadas do que as contrárias, se não atreveria a propô-las em público, ainda que as julgasse por tais; mas prescindiria delas, por não encontrar as ordens da Companhia.» (M. Fialho, *Évora Ilustrada*, 3º ms. CXXX da B. P. Évora, ff. 517-517v).

O incidente teve o seguinte desfecho: obedecendo à ordem dos Superiores, Paulo de Carvalho mandou riscar das postilas dos alunos as proposições censuradas; despediu-se da cadeira e, a seu pedido, em-

barcou para o Brasil (1619), onde morreu santamente pouco depois, a 15.5.1621 ... (cf. M. Fialho, o. c., 517v-525 e BN Lisboa, FG 4288, ff. 244 e segs: *Relaçam da Vida e Morte do P. Paulo de Carvalho, tirada da Anua da Provincia do Brasil do ano de 1621*; Rodrigues, o. c., III-II, 178; Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, II, 564; VI, 591; VIII, 156-157; ARSI, Bras. 5-I, 120v).

ROQUE CABRAL,S.J.